



1 de abril de 2023

Intervenção de Marina Lomunno em diálogo com Federica Storage

«Somos uma família que ouve e interage em rede - Entrelaçamento de harmonia e de relacionamentos: conversas em família experiências de rede»

1. A profissão de jornalista, sobretudo a dos jornais católicos, é uma profissão ao serviço dos leitores, no nosso caso daqueles que não têm voz ou têm dificuldade em ser ouvidos. O mundo salesiano sempre me foi familiar: quem nasceu em Turim e frequenta as paróquias não pode deixar de sentir Dom Bosco «próximo». Foi ele quem, com o seu sistema preventivo e os oratórios, tornou a Igreja de Turim famosa no mundo, tanto que a partir de Turim o seu carisma se espalhou por 134 países em 5 continentes. Cresci numa paróquia de Turim, no Santuário de Nossa Senhora da Saúde, confiado aos cuidados pastorais dos Josefinos de Murialdo, congregação fundada por São Leonardo Murialdo, sacerdote de Turim há apenas 150 anos, no Colégio Artigianelli de Corso Palestro, extensão de Corso Valdocco. Murialdo e Dom Bosco eram amigos, partilhavam a mesma preocupação pela redenção dos jovens mais pobres e frágeis de Turim nos anos 1800. Ambos fundaram escolas de formação profissional para dar emprego a rapazes e raparigas que não tinham possibilidade de serem apoiados pelas famílias com o objetivo de os tornar autónomos. Para esta comunhão de intenções, Dom Bosco confia a Dom Murialdo a direção do Oratório de San Luigi, no bairro de San Salvario, perto da estação Porta Nuova, ainda uma das áreas mais desfavorecidas de Turim. A colaboração entre sacerdotes que mais tarde se tornaram santos sociais: foi assim que tomei conhecimento de Dom Bosco e desde então ele nunca mais me abandonou, no meu percurso profissional e familiar como líder escuteiro. Meu marido Paolo, apaixonamo-nos durante o ensino médio, frequentou o Colégio Salesiano Valsalice, minha sogra é uma ex-aluna de Maria Auxiliadora e também a minha filha Sílvia frequentou a escola primária aqui no Maria Auxiliadora e depois em Valdocco. Depois de nos casarmos fomos durante um período paroquianos de Maria Auxiliadora e a nossa filha sempre frequentou os Verões jovem promovidos pelo oratório de Valdocco e os campos de férias nas montanhas e viagens de estudo nas escolas salesianas na Europa. Em suma, a nossa segunda casa é Valdocco e não passa uma semana que eu não passe por Maria Auxiliadora para pedir a Dom Bosco que mantenha a mão na cabeça da minha filha.
2. Graças ao meu trabalho e a este vínculo com a família salesiana, por ocasião de 2015, do bicentenário de Dom Bosco, com um querido amigo, o padre Domenico Ricca, capelão durante 40 anos do presídio juvenil Ferrante Aporti (o reformatório La Generala onde Dom Bosco visitando os jovens delinquentes e inseguros criou o sistema preventivo) foi-nos proposto que escrevessemos um livro sobre a experiência da capelanía salesiana em Ferrante: O resultado foi uma entrevista em livro "Il Cortile dietro le sbarre, il mio oratorio al Ferrante Aporti", (o pátio por detrás das grades, o meu oratório à Ferrante Aporti) uma



- espécie de 'manual' de como seria hoje Dom Bosco com os rapazes que acabam nas malhas da justiça. O Padre Domenico, que batizou a nossa filha e a acompanhou no seu crescimento, foi, além de pai espiritual para a nossa família, também o estímulo para aprofundar o carisma salesiano através dos escritos de Dom Bosco: um para todos as "Memórias de um oratório" para mim o fundamental para compreender a natureza extraordinária deste santo.
3. Daí a minha paixão por contar sobre o mundo prisional, e graças a Dom Bosco, aumentou: graças às 89 apresentações do livro por toda a Itália, entendi que não devia parar porque ao frequentar a prisão entendi que não é por nosso mérito termos nascido no "berço certo", compreendi as palavras do Papa Francisco ao falar dos prisioneiros ele diz "Por que eles e não eu?". E assim inventei uma rubrica para o meu jornal sobre questões de detenção (a única iniciativa semelhante nos semanais diocesanos da Itália), colaboro para a Avvenire também nessas questões e outro livro já está na calha.
 4. São Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas: por ocasião do 400º centenário do Bispo de Genebra, redescobri a figura do nosso padroeiro escolhida também por Dom Bosco para a sua congregação. São Francisco de Sales é o padroeiro dos jornalistas porque foi um divulgador das boas novas. Dados os escassos frutos obtidos do púlpito, entregou-se à publicação de folhetos, que ele próprio metia de baixo das portas das casas ou afixava nas paredes... Hoje ele usaria as redes sociais. Disseminador de boas novas, esta é a missão dos jornalistas católicos. São Leonardo Murialdo também acreditava na missão da boa imprensa para difundir o Evangelho: por isso foi um dos fundadores de "La Voce dell'Operaio" (A voz do operário), hoje LA Voce e il tempo (A voz e o tempo), o semanal da diocese da qual tenho a honra de ser editora-chefe.
 5. Educação das mulheres; Defesa da vida; Defesa da família; Direitos humanos; diálogo com realidades socioculturais: interculturais e inter-religiosas. Todos estes temas são o pão de cada dia para o meu trabalho como jornalista, que diz respeito tanto à prisão, mas também ao mundo da marginalização e do desconforto – e, graças ao estímulo dos santos sociais (Dom Bosco, Dom Murialdo, Cottolengo Allamano). Eis a minha escolha para permanecer no campo da informação católica, apesar de outras propostas nos meios de comunicação seculares: o desejo de expressar através do jornalismo o "cuidado com o outro" como fundamento para um estilo relacional.

O Papa Francisco diz: "O jornalismo não se realiza tanto pela escolha de uma profissão, mas pela entrega a uma missão, um pouco como o médico, que estuda e trabalha para que o mal seja curado no mundo". E convidando-nos a cultivar este sentido de missão, que está na origem da profissão jornalística. O Papa Francisco diz que a missão é a de "explicar o mundo, de torná-lo menos obscuro, garantir que quem lá vive tenha menos medo dele e olhe para os outros com maior consciência, e também com mais confiança". E não é uma missão fácil. Porque "é complicado pensar, meditar, aprofundar, parar para recolher ideias e estudar os contextos e precedentes de uma notícia". É isso que caracteriza o "bom jornalismo": ouvir, aprofundar, contar. "Ouvir" porque "o bom jornalismo



precisa de tempo. Nem tudo pode ser dito por e-mail, telefone ou ecrã." "Aprofundamento" que é "o maior contributo". E "contar" o que acontece, "a realidade que é um grande antídoto contra tantas 'doenças'", porque "significa não se colocar em primeiro plano, muito menos colocar-se como juízes, mas deixar-se impressionar e, por vezes, ferir pelas histórias que encontramos".

(Dia da Comunicação 2021)